



JOAQUIM NABUCO, EPICTETO E A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

Aldo Lopes Dinucci*

Universidade Federal de Sergipe – UFS

aldodinucci@yahoo.com.br

RESUMO: Neste artigo veremos como Joaquim Nabuco juntou literariamente suas forças a Epicteto na luta contra a escravidão no Brasil, fazendo uma distinção entre a escravidão dos tempos antigos e a moderna e demonstrando que a instituição da escravidão corrompe as demais instituições sociais e ameaça a sociedade como um todo, tornando-a iníqua.

PALAVRAS-CHAVE: Joaquim Nabuco – Escravidão – Epicteto

ABSTRACT: In this paper we will see how Joaquim Nabuco united his forces with Epictetus in his fight against slavery in Brazil, making a division between the slavery of ancient times and the modern one and proving that the Institution of slavery corrupts the other social institutions and threatens the society as a whole, making it iniquitous.

KEYWORDS: Joaquim Nabuco – Slavery – Epictetus.

De que modo puderam somar suas forças Joaquim Nabuco e o célebre filósofo estóico Epicteto na luta contra a escravidão no Brasil e em prol da abolição da escravatura? Em que circunstância a atuação política de Nabuco encontrou apoio e sustentação no pensamento e na vida do filósofo grego que viveu nos tempos de Nero? Sobre isto trataremos nesse artigo a partir de uma interpretação do opúsculo de Nabuco intitulado **Escravos: versos franceses a Epicteto**,¹ que foi lido pelo autor no dia dezoito de março de 1886 durante banquete literário em casa de Luiz Guimarães,² a quem foram dedicados os versos tais.

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, Coordenador do **Viva Vox**, grupo de pesquisa em filosofia clássica e helenística. Doutor em filosofia pela PUC-RJ. Publicou tradução anotada e comentada do **Manual de Epicteto**: aforismos da sabedoria estóica. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.

¹ NABUCO, Joaquim. **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1886.

² *Ibid.*, p. 76.

O abolicionista Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, pernambucano, nascido em 1849 de tradicional estirpe senatorial do Império (os Nabuco de Araújo), foi testemunha ocular da brutalidade e da injustiça da escravidão, tendo passado a infância no engenho de Massangana, experiência que marcou sua vida e da qual fala em seu célebre livro **Minha formação**.³ Tendo iniciado seus estudos de direito em São Paulo, transferiu-se depois para a faculdade de Direito de Recife. Sua atuação contra a escravidão iniciou-se na prática em 1869 em sua defesa em tribunal de um escravo que havia assassinado seu senhor. Oito anos depois foi eleito deputado pela província de Pernambuco, mandato no qual iniciou, em companhia de outros deputados, campanha contra a escravidão e a favor da abolição da escravatura. Em 1886 não conseguiu reeleger-se, dedicando-se então a escrever vários opúsculos denunciando sobretudo a ligação da monarquia com a escravidão. Entre estes opúsculos está **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**, de cuja interpretação nos ocuparemos no presente trabalho.

Epicteto viveu entre os anos 55 e 135 de nossa era. Natural de Hierápolis, na Frígia, e um liberto de Epafrodito, o famoso liberto de Nero, teve no fulgurante imperador Adriano um respeitoso admirador, e no imperador Marcos Aurélio Antonino um entusiástico seguidor de seu pensamento, o qual praticou zelosamente em seu governo na medida do humanamente possível. Segundo relatos da Antigüidade, Epicteto claudicava em razão da extrema violência com que, enquanto escravo na juventude, fora tratado. Viveu de modo absolutamente despojado: seu quarto em Roma vivia de portas abertas, tamanha a simplicidade de seus haveres. Talvez ainda enquanto escravo assistiu às aulas do famoso filósofo estóico romano Caio Musônio Rufo, cujo pensamento absorveu e cultivou até o fim de sua vida. Nada escreveu e o que dele hoje sabemos se deve ao seu aluno Flávio Arriano, grego que havia conquistado a cidadania romana, que transcreveu suas aulas, transcrição que nos chegou em parte (dos oito livros originais das **Diatribes**, quatro nos chegaram) e compôs o **Manual de Epicteto**, síntese das reflexões de seu mestre.

Epicteto é um ícone disto que era a filosofia na Antigüidade, uma arte de viver de forma livre, corajosa e feliz, capaz de criar homens de mais elevada estatura moral. O despojamento de Epicteto, sua coragem ao falar, sua doce aceitação do destino e da adversidade, sua intrépida constatação e denúncia da escravidão em sua diversas

³ NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. 13 ed. Prefácio de Evaldo Cabral de Melo. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999, p. 160.

dimensões, sua luta para que os homens tomassem ciência da necessidade de preservarem sua dignidade em quaisquer circunstâncias tornaram-no um homem universalmente admirado e reconhecido. Inda mais, o fato de ter sido escravo e ter lutado por sua dignidade, a ponto de ver-se como um dos homens mais admirados não só em seu tempo mas em toda a história do Ocidente, fez dele um exemplo de que de fato o homem pode manter sua dignidade em todas as ocasiões, devendo por isso lutar para preservá-la a todo custo.

Da figura deste homem toma partido Nabuco em seu poema, o qual, em seu início, ecoa este reconhecimento milenar: “Uns após outros, os séculos tornaram-se os clarins do teu áspero Evangelho”.⁴ Este áspero Evangelho, claro, é aquele do estoicismo, de cuja origem Nabuco fala logo adiante:

Quando Zenão, procurando um lugar, em Atenas, onde ensinar a Virtude e a obediência aos Deuses, e o onde o povo pudesse beber dessas grandes fontes, parou para refletir, no Pórtico odiado, --
Onde, entre relâmpagos de divino Polygnoto, acendendo, em redor, os grandes Mitos Sagrados, ouvia-se gemer e palpitar a nota da Pátria, de luto, chorando os filhos mortos [...].⁵

Nabuco se refere aí a Zenão de Citium, criador do Estoicismo, também chamado de **Filosofia do Pórtico**, pois Zenão o teria concebido e cultivado no Pórtico **Poikilé**, em Atenas. Um pórtico (**porticus** em latim) numa cidade grega ou romana da Antigüidade era um passeio coberto, com um teto sustentado por colunas. Os pórticos, originalmente construídos ao redor dos templos para que os devotos se encontrassem e conversassem, passaram, com o tempo, a ser independentes de modo a atenderem a todas as necessidades da vida pública à qual os gregos e romanos se dedicavam intensamente. Muitos destes pórticos eram construídos ao longo dos locais de assembléia (**ágoras**), e eram extremamente luxuosos, com esculturas e obras de arte dos mais famosos artistas. Na maioria dos pórticos havia assentos que eram assiduamente freqüentados pela intelectualidade de então, que aí entabulavam suas conversações. Como observa Smith, “[...] a escola estóica deve seu nome ao fato de que seu fundador costumava conversar com seus discípulos numa **stoá** (a palavra grega para ‘pórtico’)”.⁶

⁴ NABUCO, Joaquim. **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1886, p. 65. Achei por bem atualizar a grafia das palavras do texto de Nabuco, visto eu não conhecer versão hodierna dos versos em questão e tendo eu acesso a uma cópia da edição original escaneada e graciosamente posta na Internet pelo Instituto Joaquim Nabuco.

⁵ Ibid., p. 67

⁶ SMITH, William [Sir]. **Dictionary of Greek and Roman antiquities**. Boston: C. Little, and J. Brown, 1870, p. 944.

Este Polygnoto, do qual nos fala Nabuco, natural da ilha de Tasos, foi o maior de todos os pintores gregos, pelo que recebeu a cidadania ateniense. Floresceu na 90^a Olimpíada, em 420 a.C. e. Entre seus trabalhos figuravam pinturas realizadas neste pórtico no qual Zenão fundara sua escola de pensamento. Este pórtico foi reformado por Cimon, junto com as demais melhorias na cidade que ele empreendeu ao final das Guerras Médicas. Cimon aumentou o pórtico que, anteriormente chamado **Pórtico de Peisianax**, passou a ser conhecido como **Poikilé Stoá** ou **Pórtico Pintado**, em razão das pinturas de Polygnoto e Micon (grande pintor e escultor ateniense, contemporâneo de Polygnoto) com as quais foi então decorado. Este pórtico era uma longa colunata formada por uma fileira de colunas de um lado e uma parede de outro, e justamente nesta parede estavam os painéis ostentando as famosas pinturas. Estas pinturas representavam diversas batalhas das quais participaram os atenienses, daí a referência de Nabuco ao choro pelos filhos mortos da Pátria. Nabuco em seguida imagina Zenão refletindo diante das imagens de violência e criando a doutrina estóica:



Sua alma estremeceu de indignação santa, à lembrança do morticínio que havia tornado deserto por tanto tempo este santuário da Grécia, o recinto glorioso (das tradições nacionais) onde os Pintores haviam excedido os heróis...

Mas, logo ela voltou ao seu equilíbrio sereno... Mestre de uma doutrina sem igual em todos os tempos – a única Liberdade digna do homem livre! – ele ficou cinquenta anos à sombra do Poecilo.⁷

E... a mais nobre, mais forte e mais severa de todas as fês, --a estóica— nasceu assim, como uma flor, do sangue.⁸

Assim, a filosofia estóica é vista por Nabuco como tendo sido criada diante de uma reflexão sobre a condição humana em suas facetas mais terríveis, as guerras, a dor, a morte, as perdas e, sendo “a única liberdade digna do homem livre”, é apresentada como uma doutrina de severidade e de libertação.

O próximo movimento do texto de Nabuco é inusitado para o leitor: realiza-se de súbito um analogia entre a **Poikilé Stoá** e suas representações de batalhas e o Brasil:

Ó, o Brasil inteiro é como o Pórtico, -- onde brilhavam os combates sangrentos e radiosos das Amazonas, no território santo da Ática, Virgens que se atreviam a levar guerra aos Semideuses [...]

Mas, como no Pórtico, um fantasma o persegue... Também ele é um campo de mortandade e tem lugares amaldiçoados. Uma sombra

⁷ A **Poikilé Stoá**.

⁸ NABUCO, Joaquim. **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1886, p. 67.

vingadora, implacável, errante, lança sobre o seu esplendor interditos sombrios.⁹

Nabuco se fixa na imagem da batalha de Teseu e os atenienses contra as amazonas. As amazonas, um povo mítico de mulheres guerreiras, aparecem em diversas instâncias da mitologia grega. Segundo todos os relatos na Antigüidade, seriam naturais do Cálcaso, vivendo próximas da moderna Trebizonda, de onde diversas vezes teriam realizado incursões contra os gregos. A capital do reino da amazonas (Themiscyra) teria sido habitada somente por mulheres, enquanto os homens (os gargareanos) viveriam do outro lado de uma montanha, montanha na qual, uma vez por ano, homens e mulheres se encontrariam para propagar sua estirpe. As meninas seriam criadas pela mulheres para serem guerreiras, tendo um dos seios vazados (de modo a não atrapalharem o manejo do arco e da flecha), enquanto os meninos seriam criados pelos homens. Teriam invadido a planície Ática durante o reino de Teseu, que as derrotou, expulsando-as. O termo **amazonas** é geralmente considerado como derivado de **mazos**, palavra grega para “seio”, significando talvez literalmente “sem seios” ou “com um só seio”. As amazonas e suas batalhas eram frequentemente representadas pelos gregos em vasos, paredes e bronzes. Tal pintura (realizada não por Polygnoto, mas por Micon) mencionada por Nabuco é a mais célebre representação das amazonas da Antigüidade.

O sentido dos versos de Nabuco transparece com clareza: as amazonas representam o que há de nativo, de selvático no Brasil: os índios, habitantes originais do que poderíamos chamar de **Porticus Brasiliensis**, representantes de uma natureza esplendorosa, “[...] a apoteose ardente e embriagadora da terra”,¹⁰ que ostenta “[...] granitos de púrpura que as florestas subiram, em suas lages de flores, através de suas colunatas de palmeiras”,¹¹ os semideuses, os atenienses, pela força maior e tecnologia, representam os portugueses – e o banho de sangue nativo derramado pelos invasores, os massacres dos índios que vão preenchendo gravemente os cenários verdes e exuberantes desta nação tropical em formação que é o Brasil, do mesmo modo que as representações das batalhas dão um sentido sangrento e lúgubre à **Poikilé Stoá**. De fato, Nabuco também foi sensível às questões indígenas: em sua primeira legislatura (1878), defendeu

⁹ NABUCO, Joaquim. **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1886, p. 67.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

os direitos indígenas, sendo veementemente contrário a um projeto de exploração econômica da região do Xingu.

No seu poema, porém, logo Nabuco estabelece uma diferença entre a carnificina dos tempos heróicos gregos e o massacre dos índios e aquele massacre que ele contemplava então e que era a escravidão:

Não a carnificina, um dia – como o trovão que rebenta – dos Valentes,
cinzeladores da sua própria sorte, morrendo mortes de Deuses, taças
de ouro que à roda os convidados passam uns aos outros, alegres,
coroados de flores.

[...]

A matança aqui não tem esses reflexos róseos...¹²

Nabuco estabelece uma distinção entre o que poderíamos chamar de uma morte boa e uma morte má. Boa seria a morte do homem livre, que morre lutando por esta liberdade, e má a morte daquele que é escravizado em sua alma também, morto em vida, do qual se retira a própria noção de dignidade humana. Nabuco desenvolve este tema em seguida:

É a escravidão dos Negros! A Escravidão Moderna! Mil vezes mais
vergonhosa, mil vezes mais sanguinária do que no tempo em que Nero
saía da taverna, tendo por archote resinoso o escravo, que ardia...

[...]

O homem-escravo de então era igual ao senhor. Bravo, artista,
eloqüente, poeta, criador; Bárbaro, cujo coração livre podia renascer,
ele foi o Gladiador, e foi o Mártir.

Muitas vezes Legiões afogaram-se em suas ondas, e somente Cônsules
os teriam podido dobrar! A raça deles hoje governaria o mundo, e os
nossos senhores seriam os eus libertos...

Não, esses não eram escravos pelo coração, a quem romanos levavam
após si como Vencidos; esses, cuja alma estava toda coberta das lavas
do grande vulcão antigo – o sangue de Espártaco.¹³

Quanto a Nero, Nabuco lembra a história mencionada por Tácito,¹⁴ segundo a qual o dito imperador havia, numa festa, usado como archotes para a iluminação cristãos condenados. O fato é paradigma da crueldade com a qual os escravos às vezes eram tratados na Antigüidade, crueldade, no entanto, reconhece Nabuco, sobretudo física, na medida em que não atingia completamente a moralidade do indivíduo escravizado, quer dizer, na medida em que não lhe retirava totalmente a dignidade humana. A escravidão antiga se dava por direito de guerra, os vencidos eram tomados

¹² NABUCO, Joaquim. **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1886, p. 69.

¹³ Ibid., p. 69-71

¹⁴ TÁCITO. **Anais**. Tradução de Leopoldo Pereira. São Paulo: Ediouro, 1985, p. 248.

como espólio e eram vendidos como mercadorias. Isso, porém, fazia da escravidão uma condição, um fato determinado por circunstâncias externas. Em nenhum momento o vencedor propunha ser o escravo inferior por natureza, por nascença ou por origem. Assim, ainda que os fatos levassem uns a serem escravos e outros a serem senhores, continuavam todos a ser humanos.

Nabuco evidentemente não defende a escravidão na Antigüidade, mas percebe-a como sendo menos brutal que aquela de seu tempo, na medida em que a diade senhor-escravo de então era uma relação accidental. Senhor e escravo eram papéis que se davam pelas circunstâncias do mundo e não por uma falha ou uma debilidade intrínseca. Assim, grandes homens foram escravos por algum tempo: Platão, Fédon de Élis, Diógenes de Sínope, por exemplo. Outros chegam como escravos em Roma e logo adquirem liberdade e reconhecimento, tais como Plutarco e Epicteto. Outros ainda rebelam-se contra a escravidão e liquidam impiedosamente seus supostos senhores, como por exemplo Espártaco, sob o comando de quem um exército de servos sublevados dizimou legiões. A escravidão dos tempos de Nabuco, porém, tem uma característica terrível: o escravo é declarado escravo por nascença, por natureza, por origem. A pele negra e a origem africana eram a marca do escravo: ter esta característica e esta origem significava ser intrinsecamente, naturalmente, inapelavelmente escravo, tendo os demais pleno direito de usá-lo como coisa sem maiores cerimônias e sem culpa. As conseqüências disso se vêem até hoje: aqueles que possuem as características acima mencionadas são por parcela da população brasileira ainda vistos como por natureza inferiores, abaixo da natureza humana, muito embora a escravidão legalmente tenha sido extinta há mais de um século.

Nabuco encerra esta reflexão sobre a distinção entre a escravidão na Antigüidade e em seu tempo e passa a retratar a escravidão de então:

Os nossos escravos, ó deuses, como a escravidão é covarde!... não são prisioneiros, homens livres do Norte, tendo no coração o ódio e nas mãos o machado, e só rendendo-se, conquistados, ao direito bárbaro da força.¹⁵

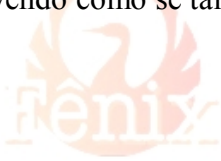
¹⁵ NABUCO, Joaquim. **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1886, p. 71.

Para Nabuco, a escravidão de seu tempo é “[...] a mina de carvão... Subterrânea, profunda”,¹⁶ uma mina “formada por corpos em arco”, onde se enxerga apenas à luz das lágrimas, na qual “não se acende [...] uma só consciência”:

Porque essa massa escura, que se vê no fundo das galerias, onde nenhum clarão penetra e não sopra nenhum vento, essas crianças tristes, essas mulheres infamadas, esse montão de gente, é o Carvão Vivo...

Jazendo no subsolo, em camadas de sofrimento... sem pressentir que ele é um povo a desabrochar; assim como o carvão de pedra, inerte, frio, preto, ignora que se vai tornar força, calor e luz.¹⁷

A analogia de Nabuco entre os escravos brasileiros e o carvão é derivada de sua comparação da escravidão de então com a antiga: os escravos de seu tempo, tendo introjetado a ideologia perversa segundo a qual eles são por natureza e necessariamente escravos, se entregam à escravidão sem perceberem que são tão humanos quanto seus senhores. Esta indigna condição dos escravos, dirá Nabuco imediatamente a seguir, na verdade contamina e corrompe a sociedade inteira. Corrompe-se e torna-se indigno aquele que toma partido desta situação, ou mesmo aquele que pretende ignorá-la, vivendo como se tal situação fosse moralmente tolerável:



Ó, é horrível de dizer, mas é preciso que se leia. O nosso grande mercado, é esse mercado negro... Perto do trono, no senado, nos tribunais, na Igreja, os Negreiros, em toda a parte levantam os seus talhos.

É o mercado de um povo em proveito de uma Casta; onde o forçado compra a criança que lhe agrada, de onde o covarde leva consigo o bravo, o vicioso leva a pura, que, se for Mãe, não terá mesmo direito ao seu leite.

Grande feira de sangue, onde se vende por bocados uma raça que acaba de ser abatida inteira... onde o padre de Deus, depois que disse a Missa [...]

Percorre sem estremecer as imundas barracas em que se faz o retalho, almas, de vossa carne... Ele, como o magistrado... ambos simoníacos, mas achando que o preço das mulheres é muito caro.¹⁸

Corrompe-se, assim, e torna-se indigna, a sociedade por inteiro: o imperador, admitindo e sustentando uma tal situação, os políticos, não só não a denunciando mas também enriquecendo com o trabalho escravo, a Igreja, tolerando ou amparando ideologicamente a escravidão. A sociedade inteira se torna perversa, injusta e iníqua. Nabuco salienta a contradição na atitude do sacerdote cristão que, anunciador de uma

¹⁶ NABUCO, Joaquim. **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1886, p. 71.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Ibid., p. 73.

doutrina do amor universal e de um Deus comum a todos os homens, igualmente pai de todos os homens, convive e vê como acontecimento trivial a compra e a venda de seres humanos. Ao lado desse, Nabuco alinha o magistrado que, representante da justiça entre os homens, torna-se o guardião da iniquidade ao aceitar como norma tal comércio. Deste modo Nabuco denuncia duas instituições que davam suporte à escravidão em seu tempo, a Igreja Católica e a Justiça Brasileira.

Nabuco encerra seu retrato da sociedade escravocrata brasileira relembrando a distinção entre a escravidão antiga e a moderna. Esta retomada se justifica pela evocação a Epicteto e seus ideais que Nabuco empreenderá na conclusão de seu poema:

É que esse povo, com o olhar embaciado de medo, úmido das lágrimas que escondeu, não é o escravo antigo, cujos braços agarravam, nus, o leão da Numídia, cujo coração resistia ao fogo Estóico...
O dono o cegou, segundo o costume selvagem dos Citas, para que ele não pudesse contar quantos eles são... Águia perseguida pelo abutre, sem saber que é águia, ele entrega sem combate... os filhos ao ultraje.¹⁹

Os romanos capturavam leões na Numídia para serem usados nos jogos de gladiadores, espetáculos que a princípio eram feitos por escravos que eram treinados para serem gladiadores e enfrentarem todo tipo de fera e homens. Tal gênero de espetáculo tornou-se uma febre na Antiguidade, e os gladiadores tornaram-se tão famosos que logo homens livres (inclusive senadores romanos) começaram a participar destes espetáculos desumanos e brutais em busca da fama. Nabuco encara a questão do gládio a partir da extrema coragem dos gladiadores-escravos em oposição à timidez dos escravos de seu tempo oriunda da aceitação da ideologia segundo a qual eles estavam abaixo da humanidade. A imposição desta ideologia é identificada à selvageria dos citas, que vazavam os olhos de seus escravos para melhor submetê-los.

Nabuco chega, por esta via, à última parte de seu poema, na qual o filósofo e ex-escravo Epicteto é evocado. Podemos dizer que Epicteto é a refutação desta ideologia perversa que Nabuco denuncia, ideologia que retira a dignidade dos homens, que lhes amputa, de fato, a própria humanidade. Epicteto é paradigma desta verdade que diz que os homens todos são potencialmente humanos, não importando a origem ou o que for, e que essa humanidade é derivada do conhecimento que se tem sobre si mesmo e sobre a sua condição. Em outras palavras: a humanidade do homem é uma questão de

¹⁹ NABUCO, Joaquim. **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1886, p. 73

valores, e o homem se humaniza na medida em que vê todos os demais como iguais, como irmãos, na medida em que reconhece aquilo que o distingue dos demais animais: sua faculdade de ser livre e de se libertar não importando em que situação se encontre e de não tolerar aquilo que pretenda dele retirar essa dignidade, essa liberdade.

Epicteto, saído da condição de escravo, sem família, brutalmente tratado a ponto de tornar-se inválido, eleva-se e impõe-se ao meio hostil no qual vive a ponto de ser não apenas aceito, mas também reconhecido como homem do mais alto valor moral. Dos demais filósofos todos, antigos, modernos e contemporâneos, sempre há uma opinião a favor e outra contrária em relação à sua vida e à sua doutrina, bem como à harmonia entre estas. Epicteto é exceção a esta regra: mesmo aqueles que não concordam com sua doutrina não lhe podem negar o valor. O reconhecimento quanto a isso, na Antigüidade, é impressionante, abrangendo tanto cristãos quanto pagãos. Homens como Herodes Ático, Aulo Gélcio, Marco Aurélio, Luciano, Orígenes, Hélio Espartano, Temístio, Gregório Nazarieno, Macróbio, Agostinho, Damásio e Simplicio o elogiam, além de epigramas anônimos e de um elogio anônimo a Epicteto que aparece em Suidas.²⁰ Mas o que tem Epicteto de tão especial? E por que é ele particularmente evocado por Nabuco em sua luta contra a instituição da escravidão em terras brasileiras? Quanto a isso nos fala Stockdale:

Epicteto eventualmente tornou-se aprendiz do melhor professor de estoicismo do império, Musônio Rufo, e, depois de dez anos ou mais de estudo, alcançou, por seus próprios méritos, o status de filósofo. Com isso lhe adveio a verdadeira liberdade em Roma, e a preciosidade deste acontecimento foi devidamente celebrada pelo ex-escravo. Estudiosos afirmam que, em suas obras, a liberdade individual é elogiada seis vezes mais que no Novo Testamento. Os estóicos sustentam que todos os seres humanos são iguais aos olhos de Deus: homem e mulher, negro e branco, escravo e livre.²¹

Em Epicteto encontramos a doutrina do amor à liberdade e sua aplicação à prática. Pode-se dizer que a filosofia de Epicteto é a verdadeira filosofia da liberdade em ação. Epicteto tem plena ciência de que a liberdade é em primeiro lugar uma condição interna. O homem que reconhece sua própria humanidade, redescobre sua dignidade e nada mais de externo pode escravizá-lo. Epicteto fala sobre isso claramente nas suas **Diatribes**:

²⁰ SCHWEIGHAUSER. *Epictetae Philosophiae Monumenta*. Leipzig: Weidmann, 1800, p. 123-126.

²¹ STOCKDALE. *Courage under Fire: testing the doctrine of Epictetus in a Laboratory of Human Behavior*. Stanford: Hoover, 2001, p. 6.

Que não nos guiemos unicamente pelos valores das coisas exteriores para distinguir entre o racional e o irracional, mas também pelos valores das coisas segundo o caráter de cada um. Pois para alguém é racional segurar um pinico unicamente porque ele considera que, se não o segurar, receberá golpes e não receberá alimentos, mas se o segurar, não receberá algo violento ou triste. Mas, para um outro, não unicamente parece insuportável segurá-lo, como também suportar que outro o segure. Portanto, se me perguntares: “Segurarei o pinico ou não?”, dir-te-ei que mais valor possui o receber alimentos que não os receber, e que é mais indigno ser castigado que não ser castigado. De modo que, se medes por estas coisas as tuas próprias, que vás então segurá-lo. “Mas para mim não seria digno.” Isso te é necessário acrescentar à reflexão, não eu. Pois és tu aquele que conhece a ti mesmo, quanto valor tens para ti mesmo e por quanto vendes a ti mesmo. Pois diferentes homens vendem-se por diferentes preços.²²

Epicteto compreende que não é o homem que é escravizado, mas é o homem que se deixa escravizar por não conhecer a si mesmo, por achar que vale mais a pena viver como escravo do que morrer como homem livre. Esta é a diferença entre Espártaco e os escravos dos quais fala Nabuco. Espártaco tem plena ciência de sua dignidade de ser humano e de que só será escravo se assim o permitir, se o quiser – pois, se não o quiser, em última análise a morte garantirá sua liberdade. Epicteto compreendeu profundamente este fato: ninguém pode obrigar ser humano algum a fazer coisa alguma – tudo o que fazemos, fazemos por considerar “um bom negócio” diante das alternativas. E muitos homens, ignorantes de sua dignidade e de sua humanidade, consideram “um bom negócio” sobreviver sem a liberdade, consideram um bom negócio se deixarem escravizar.

A partir desta perspectiva, cremos nós, Nabuco evoca Epicteto: o filósofo e ex-escravo é aquele que pode iluminar não a desgraçada multidão de escravos e a sociedade criminosa que deles retira a subsistência, mas sim a mente do imperador Dom Pedro II: como um homem supostamente esclarecido, como um homem supostamente racional pode tolerar e manter a monstruosidade moral que é a escravidão do Brasil?

É assim que, através da distância que nos separa, tu te sentes acordar no fundo de teu sepulcro, pelo gemido articulado em um latim bárbaro, de escravos, como tu eras, em um Mundo que não conheceste,
[...]
para te pedir, ó Frígio, um milagre, a ti de quem o grande Marcos Aurélio tinha amor em ser discípulo, e que foste para ele o mais nobre dos reis, o oráculo que lhe transmitia toda a vida as respostas dos deuses.

²² EPICTETO. *Diatribes, Livro I*. Tradução de Oldfather. Harvard: Loeb, 2000, p. 53.

Faze ao Brasil inteiro, grande Escravo, esta esmola: Deixa o teu espírito, que brilha imortal na noite do erro, dissipar ainda uma vez as trevas de um trono, e lançar ainda um reflexo à frente de um imperador!²³

Marcos Aurélio Antonino, o grande imperador romano, não conheceu pessoalmente Epicteto, mas teve acesso ao pensamento epictetiano desde tenra idade por intermédio de seu professor de filosofia estóica, Júnio Rústico.²⁴ E o que fez Marcos Aurélio com o auxílio do radical humanismo epictetiano para distinguir-se positivamente entre os demais imperadores romanos? De acordo com os historiadores, adquiriu costumes frugais e despojados (concordes com o estoicismo²⁵), notabilizou-se por seu caráter democrático,²⁶ por seu respeito às resoluções do senado,²⁷ por seu reconhecimento da desumanidade do gládio, que fez com que ele limitasse na máxima medida possível os espetáculos de gladiadores,²⁸ muitas vezes requisitando seu serviço nas forças armadas para não se apresentarem nos jogos,²⁹ baixou um edito proibindo que quem quer que fosse sofresse perseguição por motivos religiosos nos territórios que se curvavam ao seu império.³⁰

Nabuco quer que essas luzes humanísticas penetrem na mente de Dom Pedro II de modo que este perceba o absurdo da escravidão do Brasil e proclame a abolição. Note-se que Nabuco nunca foi por princípio contrário à Monarquia. Outrossim, tornar-se-á um seu defensor quando da proclamação da República, chegando mesmo a escrever, em 1889, um opúsculo intitulado **Por que sou monarquista**, mantendo tais convicções até o fim da vida.

No dia dez de fevereiro de 1888, cerca de dois anos após a publicação de **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**, Joaquim Nabuco encontrou-se no Vaticano com o papa Leão XIII, informando-o sobre a luta dos abolicionistas no Brasil. Esse mesmo pontífice elaborou uma encíclica contra a escravidão (**Libertas Praestantissimum**) que foi publicada em 20 de junho de 1888. Em 13 de maio de 1888, a campanha abolicionista, da qual Nabuco foi um dos líderes, chegou ao fim com a

²³ NABUCO, Joaquim. **Escravos! Versos Franceses a Epicteto**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1886, p. 75.

²⁴ MARCOS AURÉLIO. **Meditações**. 10 ed. Tradução de C. R. Haines. Harvard: Loeb, 199, p. 17-19.

²⁵ JULIUS CAPITOLINUS. **Scriptores Historiae Augustae**. 2 ed. Tradução de David Magie. Harvard: Loeb, 1991, p. 136.

²⁶ *Ibid.*, p. 150.

²⁷ *Ibid.*, p. 156.

²⁸ *Ibid.*, p. 160.

²⁹ *Ibid.*, p. 184.

³⁰ MARCOS AURÉLIO. **Meditações**. 10 ed. Tradução de C. R. Haines. Harvard: Loeb, 199, p. 388.

abolição da escravatura decretada pela princesa Isabel, em nome do imperador Dom Pedro II.

Joaquim Nabuco faleceu em 17 de janeiro de 1910 quando ocupava o cargo de embaixador em Washington. Curiosamente deixou por publicar uma obra da juventude intitulada **A escravidão**, que escreveu em 1870, aos vinte e um anos de idade, em seus tempos de estudante de direito em Recife, obra que permaneceria inédita até 1988. Nesse trabalho encontramos o desenvolvimento do ideário que transparece em seu poema **Escravo! Versos franceses a Epicteto**. A distinção entre a escravidão da Antigüidade e a de sua Época que aparece no poema que analisamos é, naquela obra póstuma, estabelecida em detalhe, inclusive citando Epicteto:

Nessa civilização – diz-nos Nabuco falando sobre a escravidão na Grécia-- [...] havia certos detalhes que salvavam a dignidade do homem, assim a avaliação de seus talentos, cuja manifestação eram plenamente permitida. Ao passo que nos Estados do Sul da América, era proibido ao escravo, sob penas as mais cruéis, o aprender a ler, na Grécia as faculdades de cada um eram desenvolvidas com a animação do senhor e escravos houve que tocaram aos gregos a maior glória. Esopo, Fedro, Epicteto são nomes ilustres em seu país³¹.

A corrupção da religião cristã por tolerar a escravidão também é pensada em detalhe:

A religião de Cristo não podia permitir abençoar cativo algum. Mas o interesse tem tanta força que às vezes chega a falsear o sentimento, e quando se supõe argumentar convencido, argumenta-se interessado. [...] e do fato de ser a escravidão uma instituição hebraica, contra a qual Cristo nunca se levantou especialmente, tem-se concluído que ela não é contrária ao espírito cristão³².

Entretanto, observa Nabuco mais adiante, Cristo “[...] veio para remir; a liberdade humana, sublime objetivo de seus esforços na terra, não vive com o cativo; diante de todos os princípios cristãos ele é um crime; a fraternidade humana, a caridade, a igualdade, a humildade, todas as intenções cristãs repelem-no”³³.

A degradação da religião por aceitar ou tolerar a escravidão é apenas um caso particular da corrupção moral à qual se submete toda sociedade que aceita ou tolera a escravidão. Como Nabuco didaticamente expõe em seu poema, a escravidão degrada moralmente a sociedade como um todo. Essa reflexão abre seu livro **A Escravidão**, no qual Nabuco traça, ao longo da primeira parte da obra, o retrato da escravidão no Brasil

³¹ NABUCO, Joaquim. **A Escravidão**. Recife: Massangana, 1988, p. 71.

³² Ibid., p. 45.

³³ Ibid., p. 47.

e da degradação moral que ela acarreta para as várias instituições que compõem a sociedade brasileira:

Ao penetrar nas sociedades modernas destruiu-lhe a escravidão a maior parte de seus fundamentos morais e alterou as noções mais precisas de seu código, substituindo um estado, comparativamente e para todas, de progresso pelo mais obstinado regresso até fazê-las encontrar a velha civilização de que sairão através de chamas purificadoras. Na verdade, somente quem olha para essa instituição cegado pela paixão ou pela ignorância pode não ver como ela degradou vários povos modernos, a ponto de torná-los paralelos a povos corrompidos.³⁴

Por fim, na última página de sua célebre obra **Minha formação**, Joaquim Nabuco, fazendo um balanço de sua vida, junta-se à galeria dos homens ilustres que reconheceram o valor de Epicteto e de sua vida absolutamente conforme ao seu pensar, em defesa da liberdade e da dignidade humanas:

Dizendo as letras, quero apenas dizer o que elas podem ser para mim: o lado belo, sensível, humano das coisas que está ao meu alcance, a ressonância, a admiração, o estado de alma que elas me deixam... Foi a necessidade de cultivar interiormente a benevolência o que, talvez, me dispôs a trocar definitivamente a política pelas letras, a dar a minha vida ativa por encerrada, reservando, como vocação intelectual -- a política não fora outra coisa para mim --, o saldo de dias que me restasse para polir imagens, sentimentos, lembranças que eu quisera levar na alma... Olhei a vida nas diversas épocas através de vidros diferentes: primeiro, no ardor da mocidade, o prazer, a embriaguez de viver, a curiosidade do mundo; depois, a ambição, a popularidade, a emoção da cena, o esforço e a recompensa da luta para fazer homens livres (todos esses eram vidros de aumento)...; mais tarde, como contraste, a nostalgia do nosso passado e a sedução crescente de nossa natureza, o retraimento do mundo e a doçura do lar, os túmulos dos amigos e os berços dos filhos (todos esses são ainda prismas); mas em despedida ao Criador, espero ainda olhá-la através dos vidros de Epicteto, do puro cristal sem refração: a admiração e o reconhecimento...³⁵

³⁴ NABUCO, Joaquim. **A Escravidão**. Recife: Massangana, 1988, p. 29.

³⁵ Idem. **Minha Formação**. 13 ed. Prefácio de Evaldo Cabral de Melo. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999, p. 243.